

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Chefe da Redacção — DOMINGOS RIBEIRO.

Director e Editor — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Animula vagula, blandula...

(Notas e Cartas de um Médico da Província)

(2)

Algum farrapozito de névem toldara o sol, amortalhando os últimos lampejos do crepúsculo. E' súbita escuridade envolvente, mágoa abafada a estremecer no silêncio duro, agressivo silêncio, em que a sombra em flatos de suspiros e de rezas se confunde ao picar lento e monótono da traça, na vagarosa e arrastada oscilação do pêndulo: uma corda que se vem estirando em serpente, e nos começa a prender, se nos enrosca, e nos liga, domina e abafa. Como asas de morcego, nojosas e moles, esvoaçam, então, baixinhos cílios de confidência, sutil poeira murmura de segrêdos, aqueles soluços quasi mudos da agonia, que já não traduzem as derradeiras falas. Cerrava-se mais a mancha encarvoada.

Agora, sobressalta-se a calma deste necrotério de pinturas, inquieta-se a sua quietude soberanamente disciplinada, animam-se de vida os retratos na sua fixa imobilidade, despertam os olhos, os peitos arfiam. Adivinho já certas palavras que me vão dizer, como se as sentisse filtrar do pensamento aos lábios, em indignada revolta contra minha curiosidade blasfema, suas consumições e trabalhos, suas pesadas economias, a sua dedicação porfiada e extrema às obras de caridade. Eles esperavam que a luz anoitecesse, porque a sua vida já não é do mundo, e a luz do mundo, a que os vira, os não alcança. O que eles foram, não estava em retrato — máscara do corpo, somente o exterior físico do homem —, que era afinal a expressão de um momento fisionómico transitório, e por vezes grosseiramente pintada. Nem eu, homem de hoje, nem o mundo do meu tempo, podíamos compreender as suas individualidades de outras eras, e revogados costumes domésticos e sociais. Estivera-os contemplando como *alminhas do purgatório*, na galeria dos condenados, voluntariamente, àquela expiação perpétua, mas nem sequer me lembrara ou ocorrera, após eles, de que não menos defeitos, embora outros, afligiram os homens, e nem por isso os homens se lembraram de os resgatar, perante sua consciência e a posteridade, com obras de amor e sacrificio ao próximo, ou de converter, em benefício de inválidos, pobres ou doentes — estranhos e desconhecidos — mínima parcela, qualquer, de sobejas rendas, de usurários lucros, de negócios escuros, ou de comedida, regulamentada, paciente e diária parcimónia.

E a carregada solidão de pesaroso luto, onde se encontravam, ali, assim, velados de respeito mas acessíveis ao público, era, gravemente, muito maior ainda, à soturnidade do nosso abandono juntando-se a mofadora ligeireza da ignorância nossa. Em seus próprios retratos sofriam a injúria escarminha do comentário, que passava de visita, e a tortura de verem frustradas suas intenções e perdidas suas dádivas, em futuro próximo, por que estas piedosas instituições do passado lutam com a insuficiência de verba, quando a pobreza é mais necessitada e mais larga em seus irmãos (e em todos os desprotegidos), ameaçam ruína... e vão passando também como as horas tangidas dos dias mortos. E bem se me afigurava depois, iam dizer-me a mais que na luta colossalmente esmagadora, para vencermos as horas incertas do futuro mais incerto, fulgurante de electricidade na pressa, no repente, no anseio, no desvario e na vertigem, se nos perdeu o hábito antigo, o sedício costume, das longas horas de meditação e exame de consciência, em que o homem pensava em si, nos seus e nos outros... Nós teremos por certo uma caridade nova, a filantropia, já socializada pelo estado em obras de assistência social, disciplina de contribuições obrigatórias, e com orçamento de generosidades em saldo. Mas a outra, a que eles praticaram, com não ser oficial, não ia menos direita ao fim... e ao coração: era, nas Ordens e nas Irmandades, nos Hospitais de Terceiros e da Misericórdia, nos Asilos e nos Caldos das Portarias, na esmola oculta, um acto de comunhão e de equidade, o conforto na desventura, o auxílio no perigo, o remédio na doença, e o carinho na velhice. Sim, naturalmente, com o andar dos tempos, o roncoísmo do uso, tais actos mecanizaram-se na sua oficialização estatutária; nem por isso desluziram a marca original de são instinto, e poderoso e fraterno sentimento humano...

Mas... quando iam mesmo os lábios colados a verniz a descer-se em palavras vivas, a luz em agonia loiro-azulada do crepúsculo desatou-se dos crepes da névem, e, no seu brando empaldecimento, pareceu avultar clara. E outra vez as figuras se imobilizaram nas tintas sujas dos retratos, olhos severos de vidro ou de aves embalsamadas, roupas sem corpo, vestes recolhidas de armário, a boca muda, as mãos quietas. Tamanho era o silêncio, agora, que o meu espírito, de absorto e estranho, se remontou a uma velha casa antiga, recordação da primeira infância, onde viveram os avós dos avós, com seu mobiliário sólido, duro e eternecedoramente acolhedor — os altos leitos, as largas cadeiras, a rotunda mesa de jantar, os candelabros, serpentinas e castiçais das velas, as jarras das flores sécas, e o relógio, que parara ao entrar a visita da morte —, muito polvilhado de canfina e de pó, longe como a saúde, e querido como o que irremediavelmente se perdeu. Era aquele mesmo silêncio das horas contadas lentamente, da vida ali decursa sempre na meia-sombra do amor, da tarefa e do descanso, em palavras mansas no maior arrepêlo da cólera, piedosas palavras na maior tortura da aflicção; sangue das artérias, influências do mundo externo, drama de existências, ar, luz, som, contacto com as coisas inanimadas e das coisas com as pessoas, a girar, a passar, a ser, na cadência da harmonia, monotonamente suave, ora alegria ora tristeza, do ponteiro que vai de minuto a minuto, ligeiro soluço, esvoaçar de sonho, bater de coração...

Meus olhos fixaram-se num retrato de mulher, ainda não visto, em que toda a luz, quasi extinta, se reconcentrava ou se perdia, se dêle não irradiava outra mais branda e pura, luz vinda do além da morte, espiritualizada e calma. Seu perfil, em doces linhas, trans-

Maria da Piedade

Ao João Serafim da Silva Ribeiro.

Maria da Piedade
— Uma bonita moçoila —
Não chega tinta, alvaiade,
A's faces cor de papoila.

Sob a abóbada estrelada,
Tem dotes de perfeição;
Por alguém já foi crismada:
— Maria da Tentação...

Maria da Piedade
E' uma cachopa de truz;
E, brincando, a mocidade
Chama-lhe a Graça da Luz!

Vá que tu sejas Maria,
Mas nunca da Piedade;
— A não ser por ironia
Do padrinho ou do abade!

Móços há (é bom saberes)
Que te chamam, com razão:
— Mariquinhas dos Prazeres...
— Maria da Perdição...

Formosa — não se envaidece;
Estimada — outra não vi;
Tristezas não as conhece.
Trabalha e canta e sorri...

O teu colo embriagante
— São ardente, voluptuoso —
Palpita, oscila ofegante...
— Quem será o venturoso?

Maria da Piedade!
Só por graça se diria:
— Acaso será verdade
Ter's piedade, Maria?

Possues encantos infindos,
Palavras doces e ternas,
Se os braços róseos são lindos,
Que dizer então das pernas?

Faz cismar a tua cinta
No talhe e delicadeza...
— Haverá quem me desmintas
Que tu não és portuguesa?

Apenas (ninguém me tome
No rol dos apaixonados)
Acho gracejo em teu nome
— Maria... dos meus pecados!

Carne rija, apetitosa,
Teu corpo tenta e excita...
— Primavera? Fada? Rosa?
Quem no teu nome acredita?

Sendo a mais humilde flor
Que existe na redondeza,
Nenhuma outra, Senhor,
A suplantou em beleza!

Muda o nome, para teres,
Toda a expressão da verdade:
Maria (do que quiseses...)
— Mas nunca da Piedade!

LEÃO MARTINS.

Aos nossos assinantes de fora da cidade

Vamos proceder à cobrança do nosso jornal, pelas freguesias do Concelho e diversas localidades, esperando que os nossos queridos assinantes nos dispensem o seu melhor acolhimento, pelo que lhes agradecemos antecipadamente.

Os nossos amigos

Pediram a assinatura do nosso jornal os srs. João Maria da Silva, desta cidade, e António Salgado, de Delães. Muito agradecidos.

Triste exemplo!

Lembraram-se os alunos da Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda», por iniciativa da Direcção da Caixa Escolar deste estabelecimento de ensino, de realizarem um espectáculo em benefício dos alunos pobres. Depois de todos os preparativos, tornava-se necessário passar os bilhetes para o referido espectáculo, tarefa que foi confiada às alunas, que, da melhor vontade, se prontificaram a prestar todo o seu auxílio. Porém, segundo me informaram, foram grandes as decepções que receberam, pois que a sua *romagem* não foi acolhida com aquêle carinho e aquela generosidade que era de esperar, visto tratar-se dum acto da mais justa protecção aos filhos das classes pobres, cujo direito à conservação da vida e à aquisição da instrução não é inferior ao daqueles a quem a sorte mais tem protegido. São exactamente estes — os homens de dinheiro, que podem facilitar a instrução aos seus semelhantes desprovidos de recursos, concorrendo, de qualquer forma, para este fim tam simpático e tam altruista. Mas — triste realidade! nem todos assim o compreendem, motivo por que muitos recusaram a compra dum bilhete para um espectáculo de beneficência, unicamente porque tinham de desembolsar a insignificante quantia de *sete escudos e cinqüenta centavos!*

O que pensarão os pobresinhos de mais esta indiferença para com eles, tanto mais tendo conhecimento de que a maior parte daqueles que lhes negaram um pequeno auxílio, esbanjam dinheiro a ródos?! Com justificada razão, poderão dizer que não existe a caridade, porque a vêm substituída pela provocação à miséria! Esta verdade existe, de facto, mas isto não quer dizer que ela deva ser tomada no sentido geral. Felizmente, há sempre as devidas excepções. O triste exemplo de alguns foi *contrabalançado* pelo gesto nobre, sublime e humano de todos aqueles que louvaram a idea da realização do espectáculo e que não se negaram a comprar alguns bilhetes, havendo, até, quem os comprasse com a prévia certeza de que não podia assistir. A conclusão lógica a tirar é que há, ainda, quem tenha coração e quem reconheça que é uma grande virtude facilitar a instrução aos pobres. E' para estes que vão as minhas calorosas saudações.

Pipi.

Visado pela Comissão de Censura.

centia gracilidade. Era em plena adolescência, a frescura maravilhosa, olorosa, dos corações verdadeiramente amantes. Palidez de trigueira ruborizada ao sol, lábios humedecidos de beijos fervorosos, fronte larga de inteligência, a inteligência feminina do sentimento, e o sorriso do olhar fascinador e casto. Denotava força de vontade afrontando serena os maiores sacrificios, o amor que dura, no mesmo auge intenso e absoluto, desde a hora, em que nasceu, até à derradeira da vida, sempre o mesmo e igual, com as suas veleidades e sobressaltos, seus renovados desejos, seu infinito de aspirações. Formosura discreta, como a espontaneidade das flores admiráveis, mas só esplendendo no lar como em seu jardim, corpo e alma reunidos, sentidos e espírito, mas sobretudo espírito — esse espírito gentil de afecto imenso, límpido, superior, e de repouso e de moleza contemplativa, que em vão procuramos no amor da mulher.

EDUARDO D'ALMEIDA.

Rebendo providências!

A cidade de Guimarães, linda e encantadora terra do Minho, que tem tantos títulos de glória a atestar as grandezas do seu passado, está a sofrer uma transformação que nada a dignifica. Pelo que se passa, dia a dia, sobretudo no que diz respeito à falta de educação, não é de estranhar que, dentro de pouco tempo, as senhoras e as crianças se vejam impossibilitadas de saírem à rua. Há dias, presenciei um caso que me revoltou, assim como succedeu a outras pessoas, que, como eu, assistiram ao facto que passo a narrar:

Várias pessoas, das quais muitas senhoras e algumas crianças, estavam a ver uma exposição na casa *High-Life* e, quando menos o esperavam, viram-se rodeadas de uma *gandulagem* de tal ordem — vagabundos e vagabundas — que, sem respeito por ninguém, proferiam as maiores obscenidades.

Em face disto, todas as pessoas de bem se viram na necessidade de se retirarem, ficando os artigos expostos a ser admirados, somente, pela *escumalha*, composta como digo, de homens e mulheres, destacando-se no meio destas as conhecidas *Farócas*, esse *entulho* perigoso e imoral que só serve para salpicar com a lama mais imunda o bom nome desta terra. Como este, outros actos se registam a cada passo, porque não há, infelizmente, quem os reprima, visto não existir um corpo de policia, que, mesmo com alguns defeitos, era bem melhor do que *nada*. Mas como este estado de coisas não pode continuar, por muitas e variadas razões, chamo para o caso a atenção do senhor Administrador do Concelho, amigo que me merece a consideração que tenho por todas as pessoas que se tornam dignas dela.

Sua ex.ª, que no desempenho das suas funções tem mostrado não querer manchar o seu nome nem diminuir o prestígio da sua dignidade, não deixará de tomar as providências que entender no sentido de pôr cõbro à falta de educação, aqui tanto em voga. Para casos desta natureza, que deixam uma população inteira mal colocada, não pode haver contemplação nem tempo a perder. E' mal que tem de ser *cutado* pela raiz, para que se evite uma péssima impressão, que, mais acentuadamente, produz os seus terríveis efeitos em quem nos visita.

A educação, a dignidade e o bom nome do povo de Guimarães não podem nem devem estar à mercê de criaturas desqualificadas, que rastejam pelo li-

Assombrosa Liquidação!

A CASA HIGH-LIFE continua com a extraordinária LIQUIDAÇÃO de todos os artigos do seu estabelecimento, tais como:

Fazendas de lã para vestidos e casacos, repes Georgetes em sêda, Crepes setins, Setins em cores e preto, Setins fulgurantes, Crepes Radins, Sêdas estampadas (em ramagem e Escocesas), Sêdas em diagonal, Crepes da China, Pongês de sêda, Sultanas para casacos, Voais de lã, Etamines lisas e fantasia, Vaiadêras, Veludos, Patt-Kids, Peluches, Erminetes, Carapinhas, Tobralcos, Opalines, Popelines, Tecidos de lã dos Pirineus, Orgândis, Tules, Talagarças, Bretanhas, Escumilhas, Forros diversos, Pull-Over's e Blusas de malha, Camisolas de lã para homem, senhora e criança, Vestidos para Baptizados e de malha, Véus, Echarpes e mantilhas de sêda, Carteiras e Bólsas, Calçado de quarto, Lenços para bôlso, Ditos de sêda em fantasia, Cache-cols, Estolas de pêles, Sombrinhas, Chapéus de palha e feltro, Boinas, Camisaria, Gravatas, Meias e Peúgas, Artigos de bordar, Botões de fantasia, Brinquedos, Rendas, Cintas, Panos, Elásticos e acessórios para Cintas, Grinaldas, Panos de renda, Cintos para homem e senhora, Reposteiros, etc., etc.

Pelos preços sensacionais porque são vendidos, causam **UM VERDADEIRO ASSOMBRO!**

Aconselhamos, portanto, a todos os clientes, no seu próprio interesse, a verificarem as enormes vantagens desta liquidação, cujas baixas dos preços só se justificam numa liquidação urgente como a nossa. Nas nossas montras serão expostos alguns artigos marcados com os novos preços, para que todos possam verificar a verdade das nossas afirmações.

NÃO SE DÃO FAZENDAS A AMOSTRA.

AS VENDAS SÃO SÓ A DINHEIRO.

A todos os devedores a esta casa, recomenda-se a rápida liquidação de seus débitos, para evitar que a sua cobrança tenha de ser feita por estranhos.

Alfaiataria com Fazendas

DE

RIBEIRO, FILHO

Participa aos seus Ex.^{mos} Fregueses e amigos que recebeu um enorme sortido de casimiras para a **ESTAÇÃO DE VERÃO.**

Padrões de novidade e aos melhores preços.

CASA PIMENTA

De Alberto Pimenta Machado

Filial: RUA 31 DE JANEIRO, 33 a 37 — Telef. 180

Acaba de chegar um grande sortido de Casimiras para a Estação de Verão, grande novidade de padrões a preços sem competência.

Muitos saldos com o desconto de 30 e 60 por cento. Não comprem Casimiras sem ver o grande sortido e preços desta casa.

VENDE SEMPRE MAIS BARATO.

Poupe o seu dinheiro

Não dê ao estrangeiro o ouro que faz falta a Portugal

Não hesite, compre «ZEBU»

RIOBOM

Todos os pedidos para o Agente depositário dos distritos de Aveiro e Braga:

JOSÉ LIMA DOS SANTOS SILVA : Telefone: 64 S. João da Madeira

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Semanário defensor dos interesses do C. P. PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCISCO

Ex.^{ma} Snr.

Sociedade Martinus Damme
R. Paris 1ª

GUIMARÃES